

Duas novas espécies de *Ptychoderes* Schoenherr (Coleoptera, Anthribidae, Anthribinae, Ptychoderini)¹

José Ricardo M. Mermudes^{2,4} & Dilma Solange Napp^{3,5}

¹Contribuição nº 1428 do Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná.

²Departamento de Entomologia, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42494, 04218-970 São Paulo-SP, Brasil.

³Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná. Caixa Postal 19020, 81531-980 Curitiba-PR, Brasil.

⁴Bolsista Pós-doutorado da FAPESP.

⁵Pesquisador do CNPq.

ABSTRACT. Two new species of *Ptychoderes* Schoenherr (Coleoptera, Anthribidae, Anthribinae, Ptychoderini). The following new species of *Ptychoderes* Schoenherr, 1823 are described and illustrated (type-localities parenthetic): *Ptychoderes magnus* **sp. nov.**, from Bolivia and Brazil (Rondônia: Ouro Preto d'Oeste) and *P. jekeli* **sp. nov.**, from Brazil and French Guiana (Roches de Kourou).

KEYWORDS. Anthribidae; Neotropical; new species; *Ptychoderes*.

RESUMO. Duas novas espécies de *Ptychoderes* Schoenherr, 1823 são descritas e ilustradas: *Ptychoderes magnus* **sp. nov.**, da Bolívia e Brasil (localidade-tipo: Ouro Preto d'Oeste, Rondônia) e *P. jekeli* **sp. nov.** do Brasil e Guiana Francesa (localidade-tipo: Roches de Kourou).

PALAVRAS-CHAVE. Anthribidae; Neotropical; novas espécies; *Ptychoderes*.

Ptychoderes Schoenherr, 1823 apresenta distribuição Neotropical (ALONSO-ZARAZAGA & LYAL 1999) e atualmente inclui 18 espécies (WOLFRUM 1929, 1953; FRIESER 1959, 1988). JORDAN (1906) caracterizou o gênero, principalmente, por: rostró com três carenas dorsais longitudinais, a mediana prolongada sobre a fronte; lados do rostró, entre o olho e a antena, com dois sulcos profundos; fronte, a cada lado da carena mediana do rostró, com carena curta e estreita, e primeiro protarsômero discretamente mais longo que o segundo.

Neste trabalho são descritas duas novas espécies para o gênero: *Ptychoderes magnus* **sp. nov.** proveniente do Brasil (Rondônia, Amapá, Pará, Amazonas e Mato Grosso) e Bolívia, e *P. jekeli* **sp. nov.** proveniente da Guiana Francesa e do Brasil (Pará).

O material-tipo pertence às seguintes instituições (nome dos respectivos curadores entre parênteses): CPMT, Coleção Particular Milos Tryzna, Décin, República Checa (M. Tryzna); DZUP, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil (Germano H. Rosado-Neto); INPA, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, Brasil (A. Henriques); ISNB, Institut Royal des Sciences Naturelles de Belgique, Bruxelas, Bélgica (J. Cools); MACN, Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia", Buenos Aires, Argentina (A. Bachmann); MNRJ, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (M. A. Monné); MPEG, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil (A. Harada); MZSP, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (U. R. Martins e S. A. Vanin).

As mensurações foram obtidas com auxílio de ocular micrométrica e seguem MERMUDES (2002), com acréscimo da

MLO = maior largura lateral do olho.

Ptychoderes magnus **sp. nov.**

(Figs. 1, 3)

Macho. Revestimento: faixa clara dorsal formada por escamas esbranquiçadas, decumbentes e densas, intercaladas com escamas castanho-claras, semidecumbentes e mais densas no rostró e nas interestrias elitrais 1, 2 e 4. Pigídio com predomínio de escamas castanhas. Revestimento ventral, inclusive pernas, com densas escamas branco-amareladas, decumbentes, mais esparsas no pro- e mesosterno; lados do prosterno, abaixo da carena lateral, com faixa contínua de escamas castanho-escuras, pouco mais estreita entre a sutura pleural e a margem posterior do protórax; faixa glabra do mesosterno estreita. Mesepimeros, episternos e lados do metasterno com pontos setíferos grossos e densos, ornados com escama castanho-clara a amarelo-pálido; lados dos ventritos, com estes pontos rasos e esparsos. Meso- e metafêmures, na face externa, com duas manchas de escamas castanho-escuras.

Rostró 1,3-1,8 vezes mais longo que a largura basal. Lados do rostró: distância entre escrobo e olho, com cerca da metade até pouco maior que a maior largura do olho; aspecto tricarenado, pela margem do sulco careniforme; carenas suboblíquas, a superior mais longa e engrossada, une-se à linha dorsal do escrobo; a inferior, pouco mais curta e estreita, torna-se vestigial antes do escrobo. Escrobo com margens dorsal e basal careniformes; sulco do escrobo raso e amplo, com fóvea distal profunda. Mento pontuado-corrugado; sulco da margem apical raso; aos lados, sulcado. Gula com pontos

finos e esparsos. Carenas frontais proeminentes.

Antenas desde curtas, atingem o terço basal dos élitros, até pouco mais longas que o corpo, ultrapassam o ápice elitral pelos dois últimos antenômeros da clava. Antenômero IX fortemente deprimido no dorso, X discretamente sulcado; II-III discretamente mais robustos; II-VII com comprimentos crescentes, o VIII pouco mais curto; IX até com o dobro do comprimento do X; X 1/3 mais curto que o XI (II = 0,7-1,7; III = 0,9-2,7; IV = 1,0-3,2; V = 1,0-3,5; VI = 0,9-4,0; VII = 1,0-4,1; VIII = 0,8-3,7; IX = 0,8-2,9; X = 0,6-1,2; XI = 1,0-1,7).

Protórax mais longo que largo; lados discretamente convergentes da carena ante-basal para a margem anterior. Pronoto com depressão profunda e ampla, dividida por tubérculo elevado de aspecto transversal que alcança as margens da depressão; com rugas proeminentes em todo o disco, sobre o tubérculo e, aos lados, nas proximidades da carena lateral; menos aparentes na depressão após o tubérculo. Carena antebasal estreitamente interrompida no meio, menos de 2 vezes a largura de uma carena, oblíqua para a carena lateral. Carena lateral fortemente sinuosa, pouco mais saliente após o meio. Carena secundária sinuosa e estreitamente interrompida no meio, alcança a carena lateral próximo da margem posterior do protórax. Segunda carena lateral alcança a margem posterior do protórax. Prosterno (Fig. 3) elevado, aplanado no disco, com pontos moderadamente grossos e rasos; aos lados, com área ligeiramente deprimida e com pontos grossos, nitidamente confluentes; sulco antecoxal moderadamente largo, profundo e curvo à frente das procoxas, dividido no meio por uma projeção triangular, fortemente desenvolvida, que alcança o processo prosternal; a base da projeção sempre mais larga que o processo prosternal. Mesosterno com pontos moderadamente grossos e irregularmente esparsos; próximo do processo mesosternal com depressões profundas, irregulares e contíguas. Processo mesosternal deprimido na base; com expansões látero-apicais; as bordas intumescidas. Élitros 2,2 vezes mais longos que a largura basal; subconvexos, discretamente deprimidos ao longo da interestria 2 nos dois terços basais e convexos no terço apical; gibosidades basais quase nulas; rugas aparentes na base e nas proximidades da sutura, ultrapassam o meio dos élitros. Lados subparalelos, muito discretamente atenuados para o ápice. Sem tubérculos anteapicais, as interestrias 3, 5, 7 e 9 muito ligeiramente intumescidas.

Ventrito I sem mancha setífera; sulco do processo intercoxal profundo. Ventrito V com a margem apical ligeiramente recurva. Pigídio pouco mais longo que largo deprimido, com sulco longo para encaixe dos élitros, margem apical truncada-arredondada.

Fêmea. Rostro tão ou pouco mais longo que a largura basal; sulco do escrobo profundo. Antenas curtas, ultrapassam a carena antebasal do protórax; antenômeros IX-X deprimidos na base; II discretamente mais curto que o III e subigual ao IV; V-VII com comprimentos subiguais; VIII discretamente mais curto que o VII; IX mais longo que o VIII; X subigual à metade do XI (II = 0,5-0,8; III = 0,4-0,7; IV = 0,6-0,8; V = 0,5-0,7; VI = 0,4-0,6; VII = 0,4-0,6; VIII = 0,3-0,4; IX = 0,5-0,8; X = 0,4-0,6; XI

= 0,8-1,1). Élitros discretamente mais convexos. Ventrito V com a margem apical truncada.

Dimensões, em mm, macho/fêmea, respectivamente. CT = 13,5-22,7/12,6-21,7; CR = 2,0-4,0/1,7-2,9; LAR = 1,9-2,9/1,6-2,8; LBR = 1,5-2,2/1,7-2,2; LC = 2,3-3,3/2,0-3,4; DEO = 0,7-2,1/0,5-1,0; MLO = 1,3-1,9/1,2-1,8; CP = 4,0-6,2/3,5-5,8; LP = 3,8-5,4/3,3-5,7; CE = 8,8-15,0/8,2-14,7; LE = 4,0-6,8/3,7-6,8.

Material-tipo. Holótipo macho do BRASIL, *Rondônia*: Ouro Preto d'Oeste, X.1986, O. Roppa, P. Magno, J. Becker col. (MNRJ). Parátipos. BRASIL. *Rondônia*: Ariquemes, 1 fêmea, XI.1979, B. Silva col. (MNRJ); Ouro Preto d'Oeste, 4 machos, 2 fêmeas, X.1986, O. Roppa, P. Magno, J. Becker col. (MNRJ), 1 macho, *idem* (CPMT), 1 macho, *idem* (DZUP). *Amapá*: Macapá (Fazendinha IEPA, Parque. Zoob.), 1 fêmea, I.2001, P. Magno col. (MNRJ). *Amazonas*: (Faz. Esteio ZF-3, 60 Km N. de Manaus, Km 23), 1 fêmea, 3-9-1986, B. C. Klein col. (em Malaise Reserva 1112) (INPA); Manaus, 1 fêmea, 16.IX.1955, 1 fêmea, 8.XI.1957, Elias & Roppa col. (MNRJ). *Pará*: Santarém, 2 machos, 1 fêmea, 10.VII.1938, Zellibor & Hauff col. (MNRJ); Óbidos, 1 macho, VII.1954, 2 fêmeas, IX. 1953, F. M. Oliveira col.; Mocajuba, 1 macho, III.1953, O. M. Rego col. (MNRJ); Itaituba (Rio Tapajós), 2 machos, 1 fêmea, I.1961, Dirings col. (MZSP). *Mato Grosso*: Sinop (Faz. Teles), 1 fêmea, X.1974, B. Silva col., (12°31'S, 55°37'W, BR 163, 350 m), 2 fêmeas, X.1975, Alvarenga & Roppa col. (MNRJ). BOLÍVIA. (Rio Colorado, Alto Surutú), 1 macho, II.1964, A. Martinez col. (MACN).

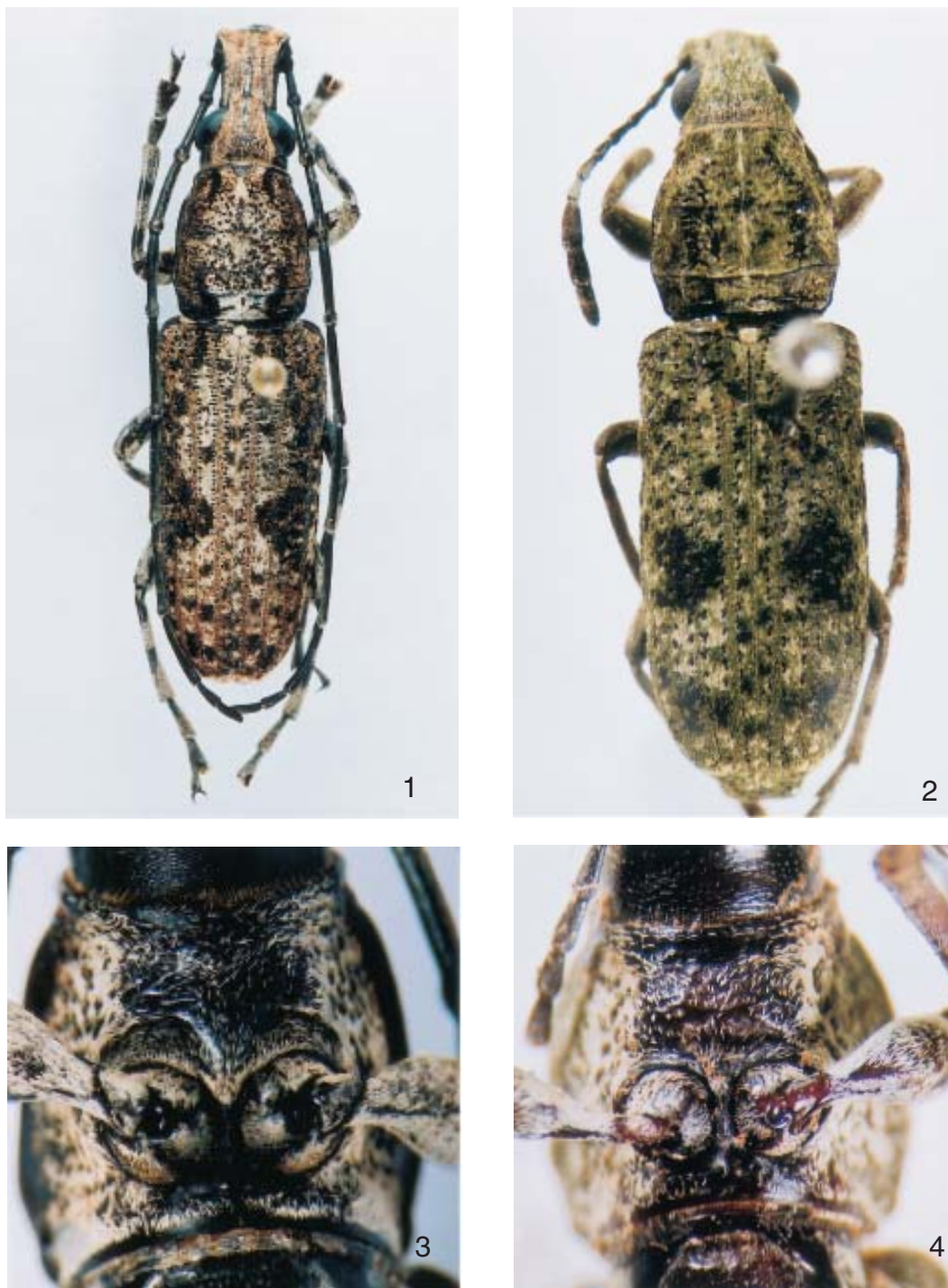
Discussão. *Ptychoderes magnus* sp. nov. é muito semelhante à *P. obsoletus* Jekel, 1855 da qual difere por (*P. obsoletus* entre parênteses): 1) sulco antecoxal do prosterno com projeção triangular, fortemente desenvolvida e robusta, alcança o processo prosternal; a base da projeção sempre mais larga que o processo prosternal (com projeção curta que não alcança o processo prosternal; a base, no máximo, com a mesma largura do processo prosternal); 2) prosterno com pontos moderadamente grossos e rasos, a cada lado do disco com área ligeiramente deprimida e com pontos grossos nitidamente confluentes (com pontos grossos, profundos e densos em toda a superfície); 3) carena antebasal do protórax estreitamente interrompida no meio, menos de 2 vezes a largura de uma carena (amplamente interrompida no meio, pelo menos 2 vezes a largura de uma carena); 4) carena secundária do protórax sinuosa, atinge a carena lateral próximo da margem posterior do protórax (sub-retilínea, discretamente interrompida no meio, não alcança a carena lateral); 5) mesosterno, próximo do processo mesosternal com depressões profundas, irregulares e contíguas (com única depressão transversal, irregular, mais fortemente deprimida no meio); 6) processo mesosternal deprimido na base, com expansões látero-apicais (fortemente deprimido no ápice; sem expansões látero-apicais).

Etimologia. Latim, *magnus* = grande, alusivo à projeção mediana do sulco antecoxal.

Ptychoderes jekeli sp. nov.

(Figs. 2, 4)

Fêmea. Revestimento: faixa clara dorsal formada por escamas esbranquiçadas, decumbentes e densas, intercaladas com escamas verde-escuras, semidecumbentes e mais densas



Figs. 1-4. 1, 3, *Ptychoderes magnus* sp. nov., holótipo macho: 1, vista dorsal; 3, prosterno. 2, 4, *P. jeckeli* sp. nov., holótipo fêmea: 2, vista dorsal; 4, prosterno.

na cabeça, pronoto e nas interstria elitrais 1, 2 e 4; aos lados do pronoto, nas epipleuras, no declive elital e no pigídio com predomínio de escamas verde-escuras. Revestimento ventral, inclusive pernas, com escamas branco-amareladas, decumbentes e densas, mais esparsas no disco dos pro- e mesosterno; lados do prosterno, abaixo da carena lateral, com faixa de escamas concolor com as do dorso; faixa glabra do

mesosterno estreita. Mesepisterno, mesepimero, metepisterno, lados do metasterno e dos ventritos com pontos setíferos progressivamente mais rasos, ornados com escama verde. Meso- e metafêmures, na face externa, com faixa de escamas castanho-escuras, contornada por escamas verdes.

Rostro 1,1-1,2 vezes mais longo que a largura basal. Lados do rostro: distância entre escrobo e olho subigual ou pouco

maior que a metade da maior largura do olho; com aspecto tricarenado pela margem do sulco careniforme; carenas alongadas e suboblíquas; a inferior ligada à margem do sulco por uma carena transversa. Escrobo com margens dorsal e basal careniformes; sulco do escrobo profundo e amplo, com fôvea distal profunda, pouco mais ampla que o sulco. Mento com carena transversa e pontuado-corrugado; sulco da margem apical raso; aos lados, fortemente deprimido. Gula com pontos finos e esparsos. Carenas frontais pouco proeminentes.

Antenas ultrapassam a margem posterior do protórax pelos antenômeros X-XI. Antenômeros III-VII ligeiramente deprimidos, pouco nodosos no ápice; II pouco mais curto que o III; III-V subiguais no comprimento; VI-VIII subiguais, pouco mais curtos que o V; clava conspicuamente engrossada, os antenômeros IX e XI subiguais e 1/3 mais longos que o X; X nitidamente mais longo que largo (II = 0,4-0,6; III = 0,6-0,8; IV = 0,6-0,8; V = 0,5-0,8; VI = 0,4-0,7; VII = 0,5-0,6; VIII = 0,4-0,6; XI = 0,8-1,0; X = 0,6-0,7; XI = 0,8-1,1).

Protórax tão ou pouco mais longo que largo, os lados subparalelos, muito discretamente convergentes da carena antebasal para a margem anterior. Depressão centro-longitudinal do pronoto pouco profunda, com tubérculo mediano subarredondado e elevado, não alcança as margens da depressão. Rugas em toda a superfície, menos aparentes na depressão. Carena antebasal interrompida no meio, pelo menos 2 vezes a largura de uma carena, oblíqua para a carena lateral. Carena lateral fortemente sinuosa. Carena secundária elevada, discretamente interrompida no meio, quase alcança a carena lateral. Segunda carena lateral alcança a margem posterior do protórax. Prosterno (Fig. 4), no disco, transversalmente elevado, com pontos grossos, profundos a rasos, densos a confluentes; sulco antecoxal profundo, amplo, retilíneo e contínuo. Mesosterno com pontos moderadamente grossos, rasos e irregularmente esparsos; próximo do processo mesosternal com depressão transversa, pouco profunda e irregular. Processo mesosternal discretamente deprimido no ápice; sem expansões látero-apicais; as bordas não intumescidas. Élitros 2 vezes mais longos que a largura basal, com forte depressão transversa após as gibosidades e subconvexas na metade apical; gibosidades basais elevadas; rugas aparentes na base e nas proximidades da sutura, ultrapassam o meio dos élitros. Lados subparalelos, discretamente mais largos após o meio. Com tubérculos antepicais pouco manifestos.

Profêmures com um único ponto grosso na área glabra externa. Mesofêmures com dois pontos grossos.

Ventrito I com sulco do processo intercoxal profundo. Ventrito V subplano no disco; margem apical truncada. Pigídio tão longo quanto largo, subconvexo no disco, margem apical subarredondada.

Dimensões, em mm, fêmea. CT = 11,2-14,7; CR = 1,6-2,2; LAR = 1,4-1,9; LBR = 1,3-1,7; LC = 1,8-2,5; DEO = 0,4-0,8; MLO = 1,0-1,3; CP = 3,1-4,0; LP = 3,1-3,8; CE = 7,3-9,7; LE = 3,6-4,7.

Material-tipo. Holótipo fêmea da GUIANA FRANCESA, Roches de Kourou, R. Mus. Hist. Nat. Belg. I. G. 12.595 (ISNB). Parátipo fêmea: BRASIL, Pará: Tukurui (Rio Tocantins, Chiqueirão), 8.IV.1984, M. F. Torres col. (MPEG).

Discussão. *P. jekeli* sp. nov. assemelha-se à *P. jordani* Frieser, 1859 e *P. viridanus* Boheman, 1833 pelo colorido do revestimento dorsal, com escamas verde-escuras. Difere de ambas, principalmente: mento com carena transversa; pronoto com rugas em toda a superfície, a depressão centro-longitudinal pouco profunda com tubérculo mediano subarredondado e elevado que não alcança as margens da depressão; prosterno elevado transversalmente; área glabra dos profêmures com um ponto grosso, a dos mesofêmures com dois pontos grossos.

Ptychoderes jordani e *P. viridanus* apresentam o mento não carenado; pronoto com depressão profunda, dividida por tubérculo de aspecto transversal que alcança as margens da depressão; prosterno subplano; área glabra dos pro- e mesofêmures com pontos finos e densos. Além disso, em *P. jordani* as rugas do pronoto são mais proeminentes e longas no centro-anterior do pronoto e sobre o tubérculo, enquanto em *P. viridanus*, quando presentes, são pouco aparentes e restritas, na depressão, à frente do tubérculo.

Etimologia. Homenagem a Henri Jekel, por sua valiosa contribuição ao conhecimento de *Ptychoderes*.

Agradecimentos. Aos curadores das instituições pelo empréstimo do material. Ao Dr. Albino M. Sakakibara, Departamento de Zoologia, da Universidade Federal do Paraná, pela execução de parte das fotos. Ao CNPq (processo nº 145949/1999-0) e à FAPESP (processo nº 03/01863-0) pelo suporte financeiro.

REFERÊNCIAS

- ALONSO-ZARAZAGA, M. A. & C. H. C. LYAL. 1999. **A World Catalogue of Families and Genera of Curculionoidea (Insecta: Coleoptera) (Excepting Scolytidae and Platypodidae)**. Barcelona, Entomopraxis, 315 p.
- FRIESER, R. 1959. Einige neue Anthribiden (Col.). **Annalen des Naturhistorischen Museum Wien** 63: 416-421.
- FRIESER, R. 1988. Eine neue *Ptychoderes*-spezies aus Guyane Française (Coleoptera, Anthribidae). **Revue Française d'Entomologie (N. S.)** 10 (3): 233-234.
- JORDAN, K. 1906. Insecta. Coleoptera. Rhynchophora. Anthribidae. p. 229-314. In: D. SHARP; F. Z. S. BLANDFORD & K. JORDAN. **Biologia Centrali-Americana** 4, part 6: vi + 396.
- MERMUDES, J. R. M. 2002. *Systaltocerus platyrhinus* Labram & Imhoff, 1840: redescrções e considerações sobre a sinonímia com *Homalorhamphus vestitus* Haedo Rossi & Viana, 1957 (Coleoptera, Anthribidae, Anthribinae). **Revista Brasileira de Entomologia** 46(4): 579-590.
- SCHOENHERR, C. J. 1823. Curculionides [Tabula synoptica familiae Curculionidum]. **Isis von Oken** 10: 1132-1146.
- WOLFRUM, P. 1929. **Coleopterorum Catalogus**, pars 102, Anthribidae. W. Junk, Berlin, 145 p.
- WOLFRUM, P. 1953. **Coleopterorum Catalogus**, pars 102, Anthribidae, Supplementa. W. Junk, Berlin, 63 p.